

SUICÍDIO - UMA ANÁLISE CRISTÃ

Por Eduardo Feldberg – Fevereiro de 2014

Embora não seja assunto muito agradável, achei interessante e necessário escrever sobre o suicídio, analisar suas perplexidades sob uma ótica cristã e relacionar os casos encontrados na Bíblia. Além de intrigante, este assunto é polêmico, pois há pontos de vista divergentes em sua discussão e isso também me incentivou a redigir este, que foi um dos meus artigos mais complexos. Creio que, por ser um tema intrincado, a maioria dos estudiosos evita analisá-lo de modo mais profundo, afirmando apenas que *“suicídio é pecado e leva ao inferno”*, sem uma dissecação mais aprofundada e espero, neste artigo, evitar essa superficialidade.

Meu objetivo não é fomentar ou incentivar essa prática, obviamente, mas sim analisá-la e esclarecer a respeito da diversidade de formas de suicídio, das motivações envolvidas e do perfil dos suicidas. Percorreremos alguns campos, como o da sociologia, da filosofia e da teologia, discutindo as opiniões de pensadores a respeito do tema, e, enfim, tentando iluminar um pouco as densas trevas de dúvidas e incertezas que pairam sobre a mente daqueles cujos parentes se suicidaram. Há pessoas que se angustiam pensando sobre o possível e infeliz destino de parentes que se mataram, se entristecem na certeza de que seus conhecidos, que deram cabo à própria vida, estão no inferno, mas precisamos estudar mais a fundo essa questão, primeiramente pontuando a real pecaminosidade envolvida na prática e, em seguida, discernindo se o suicídio, ou determinados casos de suicídio, realmente anulam a salvação de seus praticantes. Esse é meu objetivo e espero alcançá-lo com clareza.

O artigo será dividido nos seguintes tópicos e subtópicos:

➤ **INTRODUÇÃO**

➤ **SOBRE O SUICÍDIO**

- Definição de Suicídio
- Tipos de Suicídio
- Causas do Suicídio
- Modos de Suicídio
- Perfil dos Suicidas
- Análise Histórico-Cultural do Suicídio

➤ **CASOS DE SUICÍDIO NA BÍBLIA**

➤ **O SUICÍDIO E A BÍBLIA**

- Todo Suicídio é Pecado?
- Suicídio Anula a Salvação?
 - Versículos Contra o Suicídio
 - Pecados Anulam Nossa Salvação?

• **CONCLUSÃO**

Que você faça uma boa leitura, use seu senso crítico, dispa-se de possíveis preconceitos, não abandone a leitura antes do último ponto final e seja ricamente abençoado por Deus!

➤ INTRODUÇÃO

Muitos são apressados em condenar suicidas, julgá-los e lançá-los nas profundezas do abismo sem a devida reflexão. Entendo que isso acontece devido à comum generalização desta prática, sem se levar em conta que muitos optam por esse fim por razões, situações e motivações diferentes, portanto, parece injusto, parcial e incoerente colocarmos todos os casos de suicídio em pé de igualdade. Embora, tanto o amargurado Judas Iscariotes quanto o herói da fé Sansão tenham cometido suicídio, há muita diferença entre a forma da partida de cada um e neste artigo, quero estudar sobre essas diferenças. Espero que, ao longo das próximas páginas, eu consiga ser claro, enfático e coerente, pois é com temor e tremor que “ piso nestes ovos”, e, dentre os erros que almejo evitar, destacam-se a heresia e a falta de boa expressão.

Há diversos tipos de suicídio e falarei um pouco sobre cada um deles. De forma alguma quero fazer apologia dele, entretanto, quero tentar dissipar um pouco do preconceito que há em relação às *peessoas* que se suicidam. Acredita-se que são pessoas fracas, sem personalidade, pessoas que representam ameaças para a sociedade ou ainda pessoas endemoninhadas que elegem este infeliz óbito, porém, penso que a coisa é muito mais profunda e acusar ou julgar tais pessoas, independente de terem errado ou não, sem ouvi-las ou acompanhá-las, é muito fácil. Acusar um depressivo não requer esforços quando nunca se passou por uma depressão. Sentenciar ao inferno uma pessoa que se suicida após ter perdido dois filhos num acidente em que ela mesma dirigia com sonolência e levianamente dizer que ela era “fraca de personalidade” é fácil, quando nunca se enfrentou tal situação. A situação em si pode ser condenável, mas sinto que há falta de amor e sensibilidade na caracterização destes que se vão. Muitos são sumários demais em afirmar algumas coisas, quando não viveram a dor.

Reitero que, de modo geral, **sou contra o suicídio**, mas desaprovo alguns termos, concepções e qualificações depreciativas que ouvimos a respeito destas pessoas, muitas vezes desconhecidas e que, algumas vezes, chegaram a esse fim devido à omissão daqueles que devem ser luz em meio às trevas. Só Deus conhece inteiramente o coração de cada um daqueles que partem sem conhecer *O Caminho, A Verdade e A Vida* (João 14:6), bem como o daqueles que conhecem a Cristo, mas acabam chegando a este trágico fim. Se alguns dos maiores profetas do Antigo Testamento, como Elias (1 Reis 19:4) e Jeremias (Jeremias 20:14-15), oraram a Deus pedindo e desejando a morte em face de alguns problemas sociais e ministeriais, quem somos nós para menosprezar cristãos e não cristãos, por terem desejado a morte ao perder toda a família num incêndio?! Precisamos ser misericordiosos, não acusadores, e nos esforçarmos no propósito de que ninguém ao nosso redor deixe este mundo sem a certeza da boa eternidade.

Para que entendamos um pouco mais do suicídio, primeiro analisaremos suas vertentes, ou seja, os tipos de suicídios existentes. Depois escreverei um pouco sobre a história e o impacto dessa prática, conforme a cultura em que se vive. A seguir, analisaremos os casos encontrados na Bíblia, e, por fim, darei um parecer cristão a respeito deste assunto, sob uma ótica bíblica, por mais trabalhoso que isso possa ser. Peço ao leitor que **não abandone a leitura antes do desfecho**, pois você poderá interpretar mal alguma informação compartilhada na primeira metade do artigo, parte em que falo friamente sobre conceitos mais humanísticos relacionados ao tema.

É importante ressaltar que este artigo **não pretende** ser um guia de auxílio a pessoas com depressão, tampouco um manual de aconselhamento aos que enfrentam lutas internas. O objetivo é, como o próprio título sugere, fazer uma análise do tema. Certamente seria útil desencorajar quaisquer pessoas que estejam mal consigo mesmas, porém, não é este o intuito deste trabalho, mas sim fazer um estudo temático específico, voltado aos interessados no assunto e, se possível, animar pessoas que passaram por esta situação, com amigos ou parentes que se suicidaram.

Antes de prosseguir, quero manifestar minha gratidão ao amigo Daniel Diniz, que sempre contribui com valiosas ideias, comentários e muitas vezes me faz ver incoerências e contradições dentro de meus próprios parágrafos, bem como ao meu avô, Antônio Machado, por seu olhar mais que atento aos erros gramaticais que cometi na primeira versão deste artigo.

➤ SOBRE O SUICÍDIO

▪ DEFINIÇÃO DE SUICÍDIO

O termo *suicídio* é proveniente do latim *sui caedere*, e significa, literalmente, “matar a si mesmo” (*sui*: si mesmo; *caedere*: matar). Ao que parece, o termo foi criado por um abade francês chamado Desfontaines, por volta do ano 1730. O suicídio é o ato de tirar a própria vida ou “a autodestruição, mediante a supressão intencional da própria vida”. É importante ressaltar que qualquer pessoa que tira a própria vida está cometendo um suicídio e torna-se um suicida, a despeito de sua motivação, afinal, suicídio representa “tirar a própria vida”, seja por qual motivo for. O suicídio é normalmente visto como a prática imediata, súbita e violenta contra o próprio corpo, todavia, também se encaixam na definição os atos mais lentos e paulatinos, que vão propositalmente debilitando e corroendo a saúde do corpo humano, *visando o autoextermínio*. Normalmente, são cometidos solitariamente, mas podem ser perpetrados com auxílio de outras pessoas, mediante autorização do próprio suicida. Infelizmente, o suicídio é uma prática comum nos nossos dias, principalmente nas fases de depressão e devido à proliferação das drogas e entorpecentes. Num artigo publicado no site da ONU ¹, especula-se que aproximadamente 1.000.000 de pessoas se suicidam a cada ano, ou, seja, uma morte a cada 30 segundos! Um número extremamente alto, que torna o suicídio a 10ª maior causa de mortes da humanidade e a segunda maior causa de mortes entre os jovens no mundo! ²

▪ TIPOS DE SUICÍDIO

Há diversos tipos de suicídio, e, embora difiram entre si quanto ao “porquê” ou “para que”, são igualmente qualificados como atos autodestrutivos. Abaixo, relacionarei algumas categorias de suicídios, estabelecidas e estudadas por pensadores, em especial sociólogos que dedicaram bons tempos de estudo ao tema. Alguns estudiosos diferenciam três tipos de suicídio, outros enumeram sete, então tentarei incluir todos ou quase todos eles, relacionando até mesmo novos conceitos e definições, como veremos a seguir.

Suicídio Convencional: O suicídio convencional é aquele praticado como forma cultural, segundo os costumes de determinadas sociedades. Não parte apenas de um desejo subjetivo, mas sim de uma predeterminação grupal ou tradição tribal e, por convenção, acaba-se acatando a prática. Temos um caso assim nas sociedades esquimós. Para alguns deles, é louvável que um idoso cometa suicídio, evitando enfados e aborrecimentos aos seus descendentes. Apesar de, em alguns casos, ser uma decisão pessoal, estes casos envolvem mais determinações socioculturais, que meramente desejos ou decisões particulares.

Suicídio Coletivo (Em Massa): Como o próprio nome diz, refere-se aos suicídios cometidos por diversas pessoas ao mesmo tempo. Há muitos casos antigos e alguns mais recentes, de autoextermínio coletivo,

mormente fomentados por fanáticos religiosos. Como exemplo, podemos citar o infeliz caso do *Massacre de Jonestown*, onde centenas de integrantes de uma seita se suicidaram, instigados por seu líder.

Suicídio Pessoal: Ao contrário do Convencional, o Pessoal parte exclusivamente da pessoa, por iniciativa própria, sem interferências culturais, tradicionais ou convencionais. A pessoa simplesmente decide pôr um termo à própria vida e o faz por vontade própria. Há diversos tipos de suicídio pessoal, como veremos a seguir, e cada um deles pode ser praticado e motivado de formas diferentes.

Suicídio Egoísta: Este é o tipo de suicídio mais comum, onde o praticante opta por tirar sua vida pensando apenas em si mesmo. Não visa um “bem maior”, mas apenas encerrar seu ser com a morte. É comumente praticado por indivíduos sem vínculos socioafetivos, de forma que, em sua mente, a morte não afetará mais ninguém, exceto a si mesmos. Muitas vezes o indivíduo se mata para evitar a dor ou o sofrimento, como os suicídios causados pela depressão, término de relacionamentos, sentimento de frustração ou baixa-estima. Também é comum em pessoas extremamente individualistas, que não demonstram interesse pelo próximo ou pela sociedade em geral. A pessoa que se mata por se sentir vazia, com uma vida sem sentido, ou desesperada, pode ser um exemplo de suicida egoísta.

Suicídio Altruísta ou Heroico: Contrário ao suicídio egoísta, ocorre quando uma pessoa se mata pensando coerentemente no bem de outra pessoa, no afã de salvá-la. Suponhamos que duas pessoas estão numa ponte que certamente irá despencar, a não ser que uma delas pule. Se uma delas pular, estará efetuando um suicídio altruísta, pois abriu mão da própria vida para que a outra sobrevivesse e não por querer dar um fim a si mesmo. Alguns religiosos ou idealistas extremistas acreditam estar cometendo esse tipo de suicídio ao se lançarem contra fortificações ou se explodirem, crendo que isso é um ato de heroísmo em favor de sua causa religiosa, filosófica ou social.

Suicídio Anômico: O termo faz referência à *anomia*, ou seja, à condição de indivíduos com desorientação pessoal, psicológica e social. Suicídios assim são resultantes de mudanças abruptas que interferem demais na vida político-econômico-social de uma pessoa. Trata-se de um “escape” do sistema em que vive. É feito por pessoas muitas vezes chocadas com uma situação social ou econômica insustentável. Um exemplo seria o de um bilionário que se suicida por perder toda sua fortuna da noite para o dia. Isso é um baque tão grande para ele, que o leva a se matar.

Suicídio Fatalista: Parecido com o anômico, ocorre devido às excessivas exigências da sociedade, que acabam por reprimir os desejos e paixões da pessoa, gerando uma realidade e condições de vida inaceitáveis. Por exemplo, um comunista que vive extremamente tenso devido às exigências de uma sociedade opressora, que cerceia toda e qualquer forma de crescimento pessoal, ou por um morador de rua sem a menor expectativa de vida, devido à corrupção e impossibilidade de melhoria de vida.

Suicídio Homicídio ou Ataque Suicida: Ocorre quando um indivíduo mata alguém e a si mesmo no mesmo ato ou quando mata alguém e, em seguida, se mata propositalmente, ou ainda quando mata outros indivíduos, com *prejuízo* de sua própria vida. Trata-se de um ato muito comum entre fanáticos e terroristas, por exemplo. O caso de Sansão (Juízes 16:30) se encaixa neste tipo de suicídio. Outro exemplo é o dos *Kamikazes*, pilotos japoneses que se lançavam contra alvos inimigos durante a Segunda Guerra Mundial.

Suicídio Pactual: Ocorre quando duas ou mais pessoas fazem um acordo de se matar ao mesmo tempo ou seguidamente, visando finalizar seus sofrimentos ou alcançar juntas um futuro mais feliz, *post mortem*.

Suicídio por Loucura: Ocorre quando uma pessoa com deficiência mental ou algum tipo de loucura se mata, sem ter consciência de seu ato, devido a sua limitação intelectual e racional.

Suicídio Assistido ou Eutanásia: Este é um dos casos mais controversos de suicídio, pois as opiniões se dividem, tornando esse procedimento legalmente admitido em alguns países, e execrado em outros. Acontece quando se tira a vida de alguma pessoa que não tem mais expectativa de cura, visando findar seu sofrimento. Normalmente o médico comete a eutanásia (do grego *ευθανασία*, ou “boa morte”) mediante a autorização do doente ou de seus familiares, quando o enfermo não pode se comunicar. Pode ocorrer em qualquer ambiente, mas a mais discutida no campo da bioética é a eutanásia executada em hospitais, por médicos para tanto autorizados. Um exemplo é o de uma pessoa que se encontra em estado semivegetativo, que consegue até falar, mas não consegue se mover, e pede ao médico que acabe com seu sofrimento, mediante aplicação de algum produto que a leve ao óbito.

Obs. A **eutanásia** se opõe à **distanásia**, que é a tentativa de *estender* a vida de uma pessoa que se acredita estar à beira da morte, prolongando-lhe, quem sabe, o período de sofrimento. Em outras palavras, é o prolongamento artificial do decurso da vida de uma pessoa aparentemente em estágio terminal. É o caso de pessoas que não aceitam a perda de um parente e fazem de tudo para que ela continue vivendo, mesmo à custa de fortes dores e padecimentos. Já a **ortotanásia** é uma espécie de ponto de equilíbrio entre a eutanásia e a distanásia. Enquanto na eutanásia, uma pessoa tenta acelerar o processo de morte e na distanásia, prolongar esse processo, na ortotanásia procura-se deixar que o processo ocorra naturalmente, sem tentativa de prolongá-lo ou acelerá-lo, de forma que o doente apenas receba medicação ou atendimento que lhe amenize a dor momentânea.

A eutanásia é basicamente dividida em dois métodos:

- **Eutanásia Passiva:** Neste caso, o procedimento não é matar o indivíduo por meio de um veneno, golpe ou injeção, mas sim desligar ou renunciar todo e qualquer aparelho ou medicamento que mantém uma pessoa viva. Digamos ser uma morte causada por *omissão* de assistência. Uma pessoa em estado vegetativo, que dependa de algum aparelho para respirar, por exemplo, sofrerá eutanásia passiva, caso se desligue propositadamente aquele aparelho. É chamada de passiva porque simplesmente desligam os aparelhos, deixando que o agonizante “morra por si mesmo”.
- **Eutanásia Ativa:** Neste caso, a morte de uma pessoa é provocada direta e ativamente. É morte causada por *ação* e não apenas por *omissão* de ajuda. Por exemplo, dar um tiro em uma pessoa extremamente ferida, injetar veneno nas veias de um paciente terminal, golpear uma pessoa com dor insuportável, porém, lembre-se que estamos falando de Eutanásia, ou seja, uma forma de assassinato cometido por misericórdia à outra pessoa e com seu consentimento, e não por violência, ira ou vingança. Trata-se de um gesto cometido para aliviar a dor ou sofrimento de outrem, com sua anuência, e não para a satisfação de quem o comete.

Suicídio Preventivo: Na verdade, não encontrei este tipo de suicídio em nenhum livro ou autor, mas analisando diversos casos, achei interessante criá-lo. Na minha concepção, trata-se de um suicídio em que uma pessoa se mata para evitar que lhe sobrevenha uma morte pior e mais dolorosa ou humilhante. Por exemplo, um soldado é atingido por uma bala e comete suicídio para evitar que seus inimigos o apanhem, mutilem ou façam-no sofrer uma morte muito pior que a promovida pelo suicídio. Seria o caso de pessoas que cometem suicídio porque sabem que, inevitavelmente, um desfecho pior acontecerá, preferindo, assim, escolher melhor forma de morrer. Talvez essa ideia seja melhor compreendida por pessoas que vivem em locais e tempos de guerra, com a possibilidade de se tornarem reféns, serem torturadas, retalhadas ou assassinadas de modo muito mais cruento que o possibilitado pelo suicídio. O nome “suicídio preventivo” soa estranho, mas serve para elucidar a ideia.

Suicídio pela Dor Física: Também não encontrei um termo adequado para definir este caso que me veio à mente. Seria uma espécie de suicídio cometido devido a uma dor insuportável. Por exemplo, um transeunte pisa sobre uma mina explosiva e tem seu corpo dilacerado, sem contudo perder a vida. A dor é extrema, indescritível e o mutilado, solitário, no meio do nada, tira a própria vida, para evitar o estado de dor insuportável em que se encontra.

Certamente existem outros tipos de suicídio, mas com estes exemplos, já podemos ver que há bastante diferença entre os casos, principalmente no tocante às motivações e razões de cada um.

▪ CAUSAS DO SUICÍDIO

Como vimos, há vários tipos de suicídio que variam conforme os fatores envolvidos. Em grande parte dos casos, os suicídios são precedidos por depressões psicológicas, mas apesar de a “doença do século” (como é chamada a depressão) realmente ser a força motriz da maioria dos suicídios, há várias outras situações que levam à decisão de eliminar a própria vida. Vejamos algumas:

- Ansiedade;
- Arrependimento ou remorso;
- Assassinato de outrem ou de si mesmo;
- Baixa-estima;
- Desesperança;
- Disfunções hormonais;
- Doenças degenerativas ou DST's;
- Fracasso familiar ou financeiro;
- Grandes perdas pessoais;
- Insatisfação com a vida;
- Isolamento e falta de relacionamentos;
- Luto pela perda de ente querido;
- Medo ou desespero;
- Modificações psicológicas resultante do uso de drogas;
- Mutilação ou alteração física irremediável, como paralisia, tetraplegia;
- Pseudoaltruísmo (cometer suicídio, crendo que assim, outras pessoas serão mais felizes);
- Psicoses, transtornos, crises ou deficiências mentais, esquizofrenia;
- Tentativa de autopunição, ou revolta contra si mesmo;
- Tentativa de fuga consequente de tensões sentimentais, relacionais, financeiras, sociais;
- Tentativa de punir outras pessoas com a própria eliminação;
- Tentativa de mostrar aos outros que o suicida fará falta, e que era importante;
- Tentativa de salvar outras pessoas, à custa da própria morte;
- Traumas (abuso físico ou sexual)...

Algumas tentativas foram feitas, visando identificar modelos causais do suicídio, como os seguintes:

- **Modelo Biológico:** afirma ser o suicídio resultado de baixas taxas hormonais, disfunções neurais, desequilíbrio de moléculas como serotonina e dopamina, etc.
- **Modelo Genético:** afirma que o suicídio é consequência da transmissão de informações genéticas. Essa transmissão gera uma tendência suicida nos descendentes.
- **Modelo Psicológico:** afirma que o suicídio é fruto de depressão, transtornos mentais, fatores psicológicos ou simplesmente motivações pessoais.
- **Modelo Sociológico:** afirma que o suicídio é resultado de uma crise social, imposição ou pressão coletiva sobre o indivíduo.

Decerto, todos os modelos têm suas razões, aplicações e se encaixam nas definições de alguns casos, porém, como são muitos os problemas, dificuldades e situações que levam o homem a cogitar o suicídio, é impossível padronizá-los.

▪ MODOS DE SUICÍDIO

Há muitas formas de suicídio, afinal, há muitas maneiras de morrer. Normalmente, pensa-se no enforcamento ou outro método, o mais rápido e indolor possível. Como o suicídio costuma ser uma fuga, dificilmente o suicida desejará sofrer ou agonizar durante seu próprio assassinato, a não ser que queira impressionar ou abalar alguém. Dentre os métodos mais comuns, estão:

- Enforcamento
- Mutilação ou Cortes (pulso, garganta)
- Tiro com arma de fogo
- Precipitação (de pontes, por exemplo)
- Afogamento
- Envenenamento
- Intoxicação
- Incineração

Émile Durkheim, famoso sociólogo francês, distinguiu dois métodos de suicídio possíveis, sendo um deles o chamado Ato Positivo, em contraste com o Ato Negativo. Suicídio por ato positivo é aquele em que a pessoa *faz algo* para morrer, como se enforcar, se incinerar, se cortar, enquanto o suicídio por ato negativo é aquele em que a pessoa *deixa de fazer algo*, a fim de morrer, como, por exemplo, não se alimentar (greve de fome) ou deixar de se medicar, com o intuito de perder a própria vida.

▪ PERFIL DOS SUICIDAS

O desejo suicida normalmente vem atrelado à depressão ou a grandes perdas, em especial na área sentimental, mas pode sobrevir a diversos tipos de pessoa, em diversas situações, como já vimos no tópico *Causas do Suicídio*. Reitero que um erro comum é relacionar os desejos suicidas às pessoas com personalidade fraca, pessoas fúteis e insignificantes, covardes e sem fé ou até mesmo às pessoas endemoninhadas. Isto é um erro grave, visto que o desejo suicida pode vir por diversos motivos e sobre diversos tipos de pessoas. Todos nós estamos sujeitos a passar por desertos, alguns mais áridos e mortificantes que outros, e nem sempre estamos perfeitamente aptos a lidar com as dificuldades que nos confrontam.

Pessoas importantes, inteligentes e influentes se suicidaram, como o prolífico escritor Ernest Hemingway e o genial Van Gogh. Podemos lembrar que alguns dos mais ilustres personagens da Bíblia passaram por esse terrível desespero e desejaram a morte. Grandes homens de Deus como Elias e Jó chegaram a clamar ao Senhor, pedindo ou desejando a morte, pois sua vida aparentemente estava desgraçada! (1 Reis 19.4; Jó 14.13) O desejo da morte também não vem apenas sobre pessoas que estão em pecado ou que têm a vida espiritual arruinada. Alguns dos mais impressionantes homens de Deus, como Jeremias, autor do maior livro da Bíblia ³, e o profeta evangelista Jonas desejaram veementemente morrer (Jeremias 20.14-18; Jonas 4.3). Moisés, numa situação depressiva e angustiante, também cedeu e pediu a Deus que o matasse, a fim de não ver sua própria ruína (Números 11.15). Portanto, essa tentação não sobrevém apenas a homens que não conhecem ou não têm intimidade com Deus. O cristão genuíno também está sujeito a isso, e, de fato, muitos tristemente já pensaram nesta hipótese!

Embora haja casos de suicídios ponderados e premeditados, em grande parte dos casos, são ações movidas por impulso, ímpetos momentâneos, de maneira que pessoas impulsivas, a despeito de suas convicções e modo de vida, podem, de uma hora para outra, agir impensadamente e cometer um ato fatal contra si mesmas. Pessoas sem vínculos socioafetivos também são propensas a pensamentos suicidas, afinal, tendem a ser mais melancólicas, desconsoladas e, ao mesmo tempo, não têm muitas pessoas interessadas nelas, que possam tentar arrefecer esse desejo. Durkheim afirma, por exemplo, em sua obra *“O Suicídio”*, que as taxas de suicídio são maiores entre algumas religiões ou denominações que em outras, visto que umas oferecem maiores oportunidades de integração, enquanto outras apresentam aspectos mais individualistas, mostrando assim o impacto, força e importância dos relacionamentos.

Vale lembrar também que muitos casos de suicídio são frustrados, pois o indivíduo pode desejar apenas atenção, e não a morte. São os chamados *parassuicídios*, ou tentativas fracassadas de suicídio. Quantas vezes já ouvimos falar de pessoas que “tentaram se matar”? Dificilmente alguém tenta se matar e não consegue, a não ser por intervenção divina, afinal, uma pessoa com resolutivo desejo de se matar consegue fazê-lo a qualquer momento, e de diversas formas, dando a entender que uma pessoa que não consegue levar a cabo sua ideia, provavelmente estava com “um pé atrás” e tentou do modo mais ineficaz possível concluir seu pseudoplano. Pode ter amarrado a corda de forma frouxa, feito um corte superficial demais nos pulsos, abusado de remédios não fatais. Certo psicólogo cujo nome não me recordo agora disse que grande parte das pessoas que tentam se matar e não conseguem, afirmam em seguida que *não queriam se matar*, ou seja, era apenas uma tentativa de chamar a atenção ou de se comunicar, de uma forma um tanto quanto imprópria.

▪ ANÁLISE HISTÓRICO-CULTURAL DO SUICÍDIO

É difícil afirmar com exatidão quando ocorreu o primeiro suicídio, porém, sabe-se que não é coisa nova! Na Bíblia, encontramos casos de suicídios que remontam ao segundo milênio antes de Cristo (veremos em breve). A *“Enciclopédia Delta de História Geral”* informa que, por volta de 2.500 a.C, doze pessoas se envenenaram em busca da morte. Não se sabe exatamente qual foi o primeiro caso, mas o certo é que dele em diante, a prática não parou!

O suicídio é um ato rapidamente condenável aos olhos ocidentais, porém, em algumas partes do mundo, a percepção pode ser um pouco diferente. O assunto é complicado na área moral e filosófica, bem como no âmbito sociocultural. Em muitos países, em especial os orientais, e comunidades espalhadas pela terra, o suicídio não faz tanto alarde quanto por aqui.

Numa perspectiva **cultural**, o suicídio recebe muitos significados diferentes, pois essa prática está intimamente atrelada ao conceito de Vida ou Morte entendido pela comunidade. Por exemplo: algumas sociedades antigas tinham o estranho costume de chorar e prantear o nascimento dos filhos e festejar a morte deles, por entenderem que, ao nascer, os bebês ingressavam nos trabalhos e sofrimentos da vida, enquanto que ao morrer, passavam para o descanso e a tranquilidade. Num contexto sociocultural assim, naturalmente a morte não é tão mal encarada, e, conseqüentemente, a “libertação da vida” é bem vista.

Num de seus valiosos *“Sermões de Quarta-Feira de Cinzas”*, o Padre Antônio Vieira escreve sobre um antigo sábio chamado Sileno, que, ao ser consultado pelo Rei Midas sobre qual seria o maior bem desta vida, respondeu: *“- O melhor de tudo é não ter nascido; mas no caso de haver nascido, muito melhor é ao homem o morrer que o viver.”* O próprio Rei Salomão escreve muito sobre o valor da morte e sobre como toda a vida humana é vazia, um sopro passageiro guiado por vaidades. Chega a afirmar, com um pouco de negativismo, que *“é melhor o dia da morte que o dia do nascimento”* (Eclesiastes 7.1) e esse conceito não era incomum. Veja o apóstolo Paulo, por exemplo, que ansiava o dia de sua partida para estar logo com Cristo, mas dizia que, apesar de preferir ir para o céu, considerava mais importante estar em vida, para poder pregar o Evangelho às pessoas. (Filipenses 1.23, 24) Ele não queria morrer por odiar sua vida, muito menos por ser partidário do suicídio, mas sim porque, em sua visão, a vida eterna é muito mais valiosa e deve ser muito mais ansiada que o porvir terreal.

Numa análise **histórica**, também podemos notar uma percepção dividida ou constantemente alterada. Nos primeiros séculos da humanidade, o suicídio não recebia tanta atenção, pois, como nos revela a História, o homem era extremamente individualista (não muito diferente dos nossos dias) e não estava habituado com coletividade, com a vida em sociedade, nem com a prestação de contas. Com a Revolução Agrícola, milhares de anos antes de Cristo, a humanidade, até então nômade, passou a se concentrar em determinados espaços da terra, formando vilarejos e pincelando o que viria a ser uma sociedade. A partir daí, as relações grupais se fortaleceram, dando mais peso e atenção às práticas suicidas. No texto *“Suicídio – Trama da Comunicação”*, Marcimedes Martins discorre a respeito do significado desta ação em diversos períodos da história mundial. Afirma, por exemplo, que na Antiga Grécia o suicídio era condenado e proibido política e juridicamente. Os suicidas perdiam direito às honrarias de sepultura, tendo até sua mão amputada e enterrada à parte. O Estado, por sua vez, podia induzir ou imputar o suicídio a alguém, como ocorreu no caso do famoso Sócrates, que por *“perverter a juventude e os bons costumes”*, foi injustamente condenado a beber cicuta (planta venenosa).

No Antigo Egito, a visão era um pouco diferente, tanto que quando um dono de escravos morria, seus servos se suicidavam, a fim de serem enterrados com seu senhor. Ainda nos tempos pré-cristãos, os romanos e atenienses legitimavam o suicídio de um senhor, visto que ele não tinha dono e era responsável por sua própria

vida, mas condenavam o suicídio de escravos, visto que eles tinham possuidores (seus senhores). Com o passar do tempo, eles se opuseram a qualquer tipo de suicídio, visto que o aumento dele geraria enfraquecimento social, diminuição da mão de obra e prejuízos em geral. Alguns casos eram previamente aprovados, desde que o “candidato” ao suicídio apresentasse suas causas e argumentos, para que o Senado avaliasse e ratificasse ou não sua proposta de morte autocausada.

Apesar da repressão, sempre houve suicídios e muitas vezes eram bem vistos, principalmente no âmbito bélico. Algumas sociedades mais aguerridas tinham o suicídio como um ato de coragem e valentia, pois mostrava que o guerreiro se recusava a render-se, prostrar-se diante de seus inimigos, trair seu povo, mesmo à custa da própria vida! O revolucionário mexicano Zapata resumiu bem essa ideia, ao afirmar que “*preferia morrer de pé, do que viver de joelhos*”. Ele disse isso com relação a possibilidade de perder a vida na guerra, mas há quem considere o mesmo princípio, no caso de um “necessário” suicídio em campo de batalha.

Algum tempo depois, por volta do século V d.C., Santo Agostinho reprovou o suicídio e daí em diante, a Igreja foi promulgando diversas leis contra sua prática. Na Idade Média, reforçou-se esta repulsão, sob o argumento de que matar era atentar contra a propriedade do outro e no caso dos suicidas, o outro era Deus. No período da Revolução Francesa (final do século XVIII), o suicídio passou a receber ares de patologia, morbidez, consequência de transtornos mentais, perdendo um pouco a estrita imagem de rebeldia contra Deus ou contra os possuidores dos suicidas.

Seguem algumas tradições e costumes que envolviam, com aprovação, o suicídio:

Nobreza Japonesa: Algumas comunidades japonesas admiravam um nobre que se suicidasse ao passar por uma dificuldade muito grande. Há quem diga que essa admiração ainda existe, mas não pude constatar essa informação em nenhuma fonte fidedigna).

Kamikazes: *Kamikaze* era o nome dado aos pilotos japoneses que se lançavam contra seus inimigos, durante a II Guerra Mundial. Tais soldados eram tidos como heróis, pois davam a própria vida ao lançar-se contra edificações, embarcações e outros alvos inimigos, carregados de explosivos. Há controvérsias sobre a real voluntariedade dos soldados nesta prática, mas diz-se que se tratavam, sim, de atos espontâneos.

Harakiri: Entre os samurais e guerreiros japoneses, era admirável a prática *harakiri*, que consistia em apunhalar o próprio ventre, no caso de uma derrota bélica ou funcional. No primeiro caso, se um samurai perdesse uma batalha, devia se suicidar, por uma questão de honra e dignidade. No segundo, se um samurai não protegesse seu senhor, deveria cometer suicídio ou passaria a ser visto com desprezo pela sociedade, por não ter cumprido sua função de proteger seu mestre. Reconstituições desta prática são vistas em filmes como “*O Último Samurai*” e “*47 Ronins*”.

Esquimós: Para alguns grupos esquimós, é louvável que um idoso cometa suicídio, evitando dar trabalho aos seus companheiros. Com o envelhecimento, surgem as dificuldades, doenças, necessidades especiais e a provocação da própria morte isentaria os descendentes de todo enfado e investimentos de tempo e finanças.

Sati: Este é o nome de uma antiga tradição hindu, onde as mulheres eram queimadas junto ao corpo do marido falecido, como demonstração de fidelidade total. A princípio, o costume supostamente era voluntário, como demonstração espontânea de que a mulher não abandonaria o marido, mesmo depois de morto, nem se relacionaria com outros homens após a morte do cônjuge. Porém, com o tempo, tornou-se uma prática forçada e pressionada, que envolvia questões políticas e financeiras (por conta da herança do falecido, ambicionada por parentes, e que seria deixada para a esposa), até que, enfim, foi proibida, embora se ouçam casos recentes da prática *sati*.

Os ocidentais geralmente receiam a morte e, apesar de todo sofrimento desta vida, preferem estar vivos. Há até mesmo cristãos que não aguardam ansiosamente a volta de Cristo (em especial os solteiros), devido ao desejo de viver e desfrutar dos benefícios desta vida, mas em alguns lugares, a morte é mais aguardada que o dia de amanhã, e isso infelizmente faz com que o suicídio não seja tão mal encarado, manifestando-se como a antecipação do partir desta vida de sofrimentos para a vida de descanso. Mas, a despeito destas exceções, o suicídio não é mais aceito e é evitado na maioria das nações e culturas, principalmente com os esforços e intervenções de grupos humanitários e organizações de direitos humanos.

Na esfera **religiosa**, as opiniões são quase unânimes, com poucas exceções. Como disse alguns parágrafos atrás, a repercussão do suicídio está ligada ao valor dado à vida e à morte e isso é variável. Por exemplo, para os adeptos de alguns grupos reencarnacionistas, o suicídio pode até ser repellido, mas será mais tolerável, uma vez que, para eles, a vida é um constante renascimento e a cada nova chance, novas experiências e aprendizados serão somados, acelerando o caminho rumo à perfeição. Com relação às grandes religiões orientais, como o hinduísmo e budismo, o suicídio não é aceito, assim como entre os três principais grupos monoteístas - judaístas, cristãos e muçulmanos, que tendem a reprovar a prática, vendo-a como ato de rebeldia contra Deus, o possuidor e dono de toda vida humana. Apesar de alguns ataques terroristas, os muçulmanos desaprovam o suicídio, porém, para eles, ou para alguns deles, o ato do suicídio é diferente do ato de dar a própria vida pela causa divina e é aí que entram os grupos fanáticos e extremistas, gerando certo cisma entre os adeptos do Alcorão.

A Igreja Católica, desde o século V, manifestou-se contra o suicídio, porém, nos últimos tempos, tem levado o assunto para o lado dos problemas psicológicos, livrando os suicidas de julgamentos morais, em alguns casos. Segundo informações da Sociedade Portuguesa de Suicidologia, *“no Concílio de Arles (452 d.C.), o suicídio passou a ser reputado como o maior dos pecados; no Concílio de Orleães (533 d.C.), decidiu-se pela proibição de funerais religiosos para os suicidas; no Concílio de Toledo (693 d.C.), deliberou-se pela excomunhão daqueles que, frustradamente, tentaram tirar a própria vida; em 1918, o Papa Bento XV aprovou a realização de ritos funerários nos casos de suicidas loucos ou que evidenciaram arrependimento entre o ato e a morte consumada.”*⁴ Na maioria dos casos, as religiões desaprovam o ato, de forma que, no livro *“Suicídio – Estudos Fundamentais”*, o psiquiatra Alexander Moreira de Almeida afirma que *“diversos estudos apontam a religião como um importante fator protetor contra o comportamento suicida”*.

No âmbito **sociológico** e **psicológico**, não é diferente. Uns dão mais peso de responsabilidade ao suicida, enquanto outros tentam suavizar a prática, responsabilizando a sociedade, formas de governo, política, alterações mentais, etc. Um dos pensadores mais ativos no estudo do suicídio foi o francês Émile Durkheim, já citado algumas vezes, que em sua exaustiva obra *“O Suicídio”*, datada de 1897, trata do tema (Livro II, Capítulo I), levando-o (como bom sociólogo) para o lado da *“influência do coletivo sobre o individual”*. O autor não descarta a influência psicológica e psicossociológica, mas mostra que o suicídio muitas vezes é uma consequência individual de um caos coletivo, fruto da ambiência egoísta e predatória em que o indivíduo se enquadra. Para Durkheim, o suicida chega ao ponto de se exterminar por premência social, déficit de atenção, falta de vínculos afetivos ou relacionais, dentre outros fatores. Para outros, o suicídio é visto como uma forma de comunicação de uma pessoa que não sabe como melhor se comunicar! Uma tentativa de falar, de se fazer ouvida, de transmitir uma mensagem para a sociedade.

Em sua obra *“O Mal Estar na Civilização”*, o psicanalista Freud teoriza e descreve sobre os dois instintos internos do homem: *Eros* (instinto de vida e evolução) e *Thanatos* (instinto de morte e destruição). Para ele, o instinto *Eros* faz o homem desejar a vida, as emoções, o afeto, enquanto o *Thanatos* procura o fim das angústias, tensões e, conseqüentemente, a morte, que, em sua visão, trará o fim desses males. Em suas obras *“Além do*

Princípio do Prazer” e *“Luto e Melancolia”*, Freud finaliza a análise, afirmando que o embate entre ambos gera uma crise no homem, trazendo o desejo de morte, sempre que o segundo instinto prevalece sobre o primeiro. Este, porém, é o ponto de vista de Freud, não representando o de todos os demais psicanalistas. Alguns levam a discussão para outros lados, como o patológico, atribuindo o desejo de morte à alterações mentais, psíquicas, hormonais, transtornos e ansiedades.

Outras áreas que estudam o suicídio são a **filosofia** e **teologia**. Para Sócrates, o homem não tinha autorização para cometer suicídio, visto que era uma propriedade dos deuses. Platão, por sua vez, apoiava o suicídio no caso de pessoas condenadas à morte pelo Estado. Já os estóicos exaltavam o suicídio, vendo-o como demonstração de independência do homem e vitória sobre seus medos (dentre os quais, a morte era um dos maiores). Sêneca dizia não apenas que o suicídio era um ato de heroísmo, como uma grande vantagem entre os homens e os animais (segundo Thomas Watson, o ser humano é a única criatura que se mata voluntariamente).

No clássico *“A Cidade de Deus”*, o mestre Agostinho afirma: *“... Não matarás. Nem a um outro homem, nem a ti mesmo, pois que, com efeito, é um outro homem que o homem, que se mata a si mesmo, mata”*. Tomás de Aquino, em sua *“Suma Teológica”*, afirmou categoricamente que o suicídio, enquanto forma de homicídio, *“é um pecado mortal, não apenas porque é contrário à justiça, mas também porque vai contra a caridade e a lei natural”* e Dante compartilhava da mesma visão, tanto que em sua obra-prima, *“A Divina Comédia”*, reserva um lugar no inferno para todos os que houvessem cometido suicídio.

O alemão Schopenhauer entendia que o suicídio refletia falta de disciplina, enquanto Camus, embora pregasse sobre o absurdo da vida, afirma no ensaio *“O Mito de Sísifo”* que o suicídio é uma reação inadequada a esse absurdo. Interessante que, mesmo em meio a tantos *“absurdismos”*, esse notável existencialista francês afirmava que o suicídio era *“o único problema filosófico verdadeiramente sério”*. Na Dinamarca, o teólogo e filósofo Kierkegaard pregava que o suicídio é sinal de que o indivíduo deixou-se vencer pelo desespero, enquanto Goethe afirmava que o suicídio é um assunto complexo que, de época em época, precisava ser repensado. Sua obra *“Os Sofrimentos do Jovem Werther”* foi tão profunda e melancólica, que perderam-se as contas do número de europeus que se suicidaram ao lê-la! Por outro lado, Nietzsche, o niilista, dizia que o suicídio representa *“admitir a morte no tempo correto, e com total liberdade”*.

Enfim, muitas pessoas estudaram sobre o suicídio e com suas opiniões, enriqueceram o estudo, mas não o finalizaram, pois, de fato, o tema envolve muitas áreas e campos da ciência, biologia, filosofia, teologia, genética, sociologia e cada um traz algo novo ou reavalia o que já fora acrescentado ao estudo.

➤ CASOS DE SUICÍDIO NA BÍBLIA

Na Bíblia encontramos sete casos de suicídio, e vou comentar cada um deles:

1) Nome: **Abimeleque**

Texto: Juízes 9.54: *“Imediatamente ele chamou seu escudeiro e lhe ordenou: ‘Tire a espada e mate-me, para que não digam que uma mulher me matou’. Então o jovem o atravessou, e ele morreu.”*

Contexto: Abimeleque foi um dos muitos filhos de Gideão. Quando seu pai morreu, Abimeleque mandou matar seus setenta irmãos, para assumir o poder da cidade de Siquém, tornando-se líder do local. Porém, seu irmão mais novo, Jotão, conseguiu fugir e se esconder em outra cidade. Três anos depois, o Senhor

permitiu que um espírito maligno gerasse uma revolta na cidade de Siquém, a fim de punir o grande pecado de Abimeleque. Após muitas batalhas, Abimeleque venceu os inimigos e numa última oportunidade de exterminá-los, dirigiu-se para perto de uma torre alta, onde alguns inimigos estavam escondidos. Quando ia atacá-los, uma mulher desconhecida jogou uma pedra bem grande em sua cabeça, rachando seu crânio. Ele não morreu na hora, mas provavelmente ficou bem machucado e limitado. Para não ter que aceitar a “humilhação” de morrer pelas mãos de uma mulher, Abimeleque ordenou que seu escudeiro o matasse com uma espadada, e este o fez.

Observação: Creio que este foi um caso parecido com o da Eutanásia ou Suicídio Assistido, pois o Rei Abimeleque queria morrer, mas provavelmente não conseguia, então pediu a outro que o matasse. O problema maior é que ele não pediu para ser morto simplesmente por causa da dor insuportável ou da impossibilidade de continuar vivendo, mas sim pelo opróbrio de morrer pelas mãos de uma mulher, o que também pode caracterizar o ato como Suicídio Preventivo, mencionado anteriormente.

2) Nome: **Sansão**

Texto: *Juizes 16.30: “E disse Sansão: ‘Morra eu com os filisteus’. E inclinou-se com força, e a casa caiu sobre os príncipes e sobre todo o povo que nela havia; e foram mais os mortos que matou na sua morte do que os que matara em sua vida.”*

Contexto: Neste caso, o famigerado Sansão foi traído e capturado pelos inimigos filisteus. Tendo perdido suas sete tranças, perdeu também a força que o caracterizava. Num último pedido a Deus, Sansão rogou a restauração de sua força para que se vingasse de uma vez por todas dos filisteus. O Senhor ouviu seu clamor, concedeu-lhe forças e Sansão derrubou as colunas principais do local em que estava, suicidando-se e matando milhares de pessoas de uma vez.

Observação: Esta cena nos mostra um caso de Ataque Suicida ou Suicídio Altruísta, pois envolve outras mortes, além da do suicida. Acho um pouco inseguro caracterizar esse ato como um ato altruísta, pois apesar de os filisteus serem deveras inimigos dos israelitas, o versículo 28 dá a entender que a motivação de Sansão era muito mais egoísta, pelo que os filisteus haviam feito a seus olhos, do que altruísta, pensando no bem de seu povo.

3) Nome: **Saul**

Texto: *1 Samuel 31.4: “Então Saul ordenou ao seu escudeiro: ‘Tire sua espada e mate-me com ela, senão sofrerei a vergonha de cair nas mãos desses incircuncisos’. Mas seu escudeiro estava apavorado e não quis fazê-lo. Saul, então, pegou a própria espada e jogou-se sobre ela.”*

Contexto: Neste episódio, Saul, o primeiro rei de Israel, fora a um combate contra os filisteus e desta vez o povo israelita foi derrotado. Os filisteus perseguiram e mataram a Jônatas, filho de Saul, e acertaram flechas no Rei de Israel. Saul, temendo que os filisteus o capturassem e o humilhassem ou mutilassem, pediu ao seu escudeiro que o matasse, para evitar tal situação. O escudeiro se recusou a matá-lo, então Saul se matou, lançando-se sobre sua própria espada.

Observação: No caso, vemos uma tentativa de Suicídio Assistido frustrada, e, em face da frustração, um Suicídio Egoísta. Por medo de algo pior ou de alguma espécie de humilhação, Saul deu cabo da própria vida, tornando-se um suicida. Pode também se encaixar como um suposto Suicídio Preventivo, pois Saul preferiu morrer ao golpe de uma espada do que esperar para ver e viver as possíveis torturas, humilhações e mutilações que o povo inimigo lhe impingiria.

4) Nome: Desconhecido - Escudeiro de Saul

Texto: *I Samuel 31.5: "Quando o escudeiro viu que Saul estava morto, jogou-se também sobre sua espada e morreu com ele."*

Contexto: Logo após o suicídio do Rei Saul, seu escudeiro, que anteriormente se recusara a matar o Rei, se vê numa situação desesperadora, quando os filisteus provavelmente o capturariam, e repete o ato de Saul, lançando-se também sobre sua própria espada.

Observação: Temos aqui outro caso de Suicídio Egoísta, onde o escudeiro se matou a fim de evitar consequências nas mãos dos inimigos filisteus, ou um possível "Suicídio Preventivo", como o de Saul, visando escapar de algo pior.

5) Nome: Aitofel

Texto: *II Samuel 17.23: "Vendo Aitofel que o seu conselho não fora aceito, selou seu jumento e foi para casa, em sua cidade natal; pôs seus negócios em ordem e se enforcou. Ele foi sepultado no túmulo de seu pai."*

Contexto: Aitofel foi o avô de Bate-Seba, portanto bisavô de Salomão e um sábio conselheiro do rei Davi. Após alguns descontentamentos com o modo de agir de Davi, Aitofel se aliou a Absalão, que estava tramando contra o próprio pai (Rei Davi). Em determinado momento, Aitofel aconselhou Absalão a liberá-lo, com mais doze mil homens, para matar o rei. Absalão gostou da ideia, mas acabou desprezando-a, quando outro conselheiro (Husai) ofereceu ideia melhor. Deus permitiu que isso acontecesse para frustrar o plano de Aitofel, que realmente era bom e poderia ter sido bem sucedido. Ao saber que seu conselho não fora ouvido, Aitofel pegou seu jumento, foi para sua cidade natal, arrumou suas coisas e se enforcou. Provavelmente agiu assim, pois sabia que Absalão perderia a guerra e que em pouco tempo seria acusado de traição.

Observação: Trata-se de outro Suicídio Egoísta, motivado pelo desgosto de não ser ouvido ou pelo temor das consequências iminentes.

6) Nome: Zinri

Texto: *I Reis 16.18: "Quando Zinri viu que a cidade tinha sido tomada, entrou na cidadela do palácio real, incendiou o palácio em torno de si, e morreu."*

Contexto: Zinri era oficial bélico de Elá, rei de Israel. Zinri conspirou contra ele e o matou, assumindo o trono da cidade de Tirza. Quando o povo soube que o rei Elá tinha sido traído por Zinri, proclamaram Onri, o comandante do exército de Israel como novo rei. Este, por sua vez, sitiou a cidade de Tirza, para capturar e matar o traidor Zinri. Zinri, ao ver que estava cercado e que seria capturado, entrou no palácio da cidade e o incendiou, bem como a si mesmo.

Observação: Vemos aqui mais um caso de Suicídio Egoísta ou Preventivo, onde um homem se mata para fugir de uma consequência temível.

7) Nome: Judas

Texto: *Mateus 27.5: "E ele, atirando para o templo as moedas de prata, retirou-se e foi-se enforcar."*

Contexto: Certamente o caso mais conhecido e último caso de suicídio relatado na Bíblia. Após trair a Jesus Cristo por trinta moedas de prata e ver que não havia como remediar a situação, Judas foi se enforcar. Ao

lermos Atos 1.18, podemos pressupor que Judas se enforcou e que o galho em que amarrara a corda se quebrou, deixando seu corpo sobre pedras.

Observação: Este caso também se encaixa na categoria de Suicídio Egoísta, motivado pelo desespero, remorso, agonia, sentimentos horripilantes.

➤ O SUICÍDIO E A BÍBLIA

Por fim, chegamos à parte mais complexa deste artigo, onde tentarei estabelecer coerentemente uma opinião sobre o assunto, sob uma ótica bíblica. Se não é fácil opinar sobre esse tema, é ainda mais difícil estabelecer uma exposição objetiva sobre ele, afinal, envolve muitas controvérsias e agravantes, mas a despeito do quão desagradável seja pisar neste terreno, tentarei me focar em seus possíveis desdobramentos, tentando não apenas jogar informações aos leitores, mantendo-me sobre o muro, mas sim, definindo um ponto de vista e posicionando-me sobre ele, ao menos quando possível. Muita gente (em especial os líderes) se furta de opinar sobre assuntos polêmicos, com receio de que outros “entendam ou interpretem errado” ou que “distorçam suas palavras”, mas não me limitarei por conta desta possibilidade.

É possível que, daqui a um tempo, eu reveja algum conceito ou opinião, mas, se isso acontecer, será porque surgiram argumentos novos ou melhores, portanto darei meu ponto de vista com o máximo de clareza e sem subterfúgios, tentando demonstrar a coerência e concordância bíblica de minhas afirmações.

Como escrevi no primeiro parágrafo deste artigo, muitos líderes, talvez por indisposição para pensar, logo afirmam que “*suicídio é pecado e leva ao inferno*”, não dando nenhuma base bíblica ou racional para os leitores, mas agora, pretendo levá-los a uma investigação mais profunda.

Para prosseguir, precisamos responder a duas questões imprescindíveis:

01) Todo suicídio é pecado?

02) Algum suicídio anula a salvação do praticante?

▪ **TODO SUICÍDIO É PECADO?**

Como já vimos, não há apenas um tipo de suicídio e os casos divergem entre si, tanto com relação à forma da prática quanto em relação à motivação e às consequências do ato. Não se deve colocar todos os casos na mesma fôrma, afinal, apesar de todo autoassassinato ser um suicídio, alguns deles são motivados pelo amor e altruísmo, outros são motivados por uma dor indescritível e insuportável. Alguns, por uma perda inestimável, outros, por frustrações amorosas, mesquinhez ou egoísmo, e por aí vai. Muitas pessoas afirmam que todo *suicídio é pecado e conduz ao inferno*, mas, por vezes, abrem exceções, e isso acontece porque, se por um lado, generalizam e tornam-se apreensivos com o termo *suicídio*, por outro, sabem que há diferença entre os casos, justificando ou desculpando alguns deles. Vou citar algumas situações que, embora incomuns, podem acontecer, e não são tão indigeríveis para muitos de nós. Consideremos os seguintes exemplos:

- **Exemplo do Soldado:** Imagine que uma equipe de soldados está num campo de batalha, atrás das trincheiras e, de repente, uma granada que explodirá em cinco segundos é lançada sobre eles. Os soldados sabem que, ainda que corram, muitos morrerão ou serão mutilados por conta do efeito devastador da explosão. Sem pensar muito, um desses soldados se lança sobre a granada, visando “abafar” seu efeito e salvar os companheiros, ao custo de sua própria vida. O soldado que se lançou morre despedaçado, enquanto seus amigos são salvos da morte.
- **Exemplo da Corda:** Imagine que duas pessoas estão penduradas numa corda, sobre um abismo. A corda está se desgastando e rompendo devido ao peso que está suportando, afinal, ela foi feita para suportar um limite de 80 kg. As duas pessoas têm consciência disso e sabem que, se ambas mantiverem-se apegadas à corda, ela se romperá e ambas morrerão no precipício. Desta forma, uma das duas pessoas se solta e se deixa cair fatalmente no abismo, para que a outra possa se salvar. Uma cena assim acontece no filme “Limite Vertical”. Algo parecido também é visto no filme “Gravidade”, quando o astronauta interpretado por George Clooney abre mão da própria vida para salvar a companheira de equipe.
- **Exemplo do Missionário:** Suponhamos que um missionário lidere uma igreja subterrânea num país onde o Evangelho é proibido e, certo dia, é capturado pela polícia local. Seus captores o torturam, obrigando-o a delatar os demais cristãos secretos de sua igreja. As torturas são terríveis, causam dores inimagináveis, e o missionário está prestes a entregar seus companheiros, por não resistir às dores causadas pelos tormentos dos soldados. O missionário então comete suicídio, para evitar que sua dor e sua fraqueza o façam entregar seus irmãos em Cristo.

Todos os casos acima, apesar de atípicos, podem acontecer e descrevem situações onde pessoas abriam mão da própria vida para salvar a de outros. Eles exemplificam casos de suicídios em prol do bem de outras pessoas (Suicídio Altruísta ou Heroico), portanto podemos dizer que foram cometidos por amor ao próximo, visando salvar vidas da morte ou do sofrimento. **Lembre-se que, a despeito da motivação envolvida, todos estes casos são conceitualmente definidos como suicídios**, porém, com “objetivos nobres”. Os suicidas fizeram escolhas que inevitavelmente os levariam à morte, para salvar outros. Numa concepção bíblica, este tipo de suicídio pode ser aceito por Deus e até visto com bons olhos. Algum leitor pode levantar o questionamento:

- Ok. Até aqui, está tudo muito bonito, mas quem disse que estes casos são aprovados por Deus, que é o único que pode tirar a vida do ser humano?

É uma boa pergunta, afinal, apesar de os exemplos acima serem, pelo menos para alguns, admiráveis, as pessoas que se mataram tiraram a própria vida, ou seja, fizeram algo que, ao que parece, só Deus pode fazer, mas por outro lado, precisamos levar em conta dois versículos bíblicos importantes, relacionados a estes casos:

01) “Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não há outro mandamento maior do que estes.” Marcos 12.31

02) “Ninguém tem maior amor do que este, de dar a própria vida pelos seus amigos.” João 15.13

Como lemos, Jesus Cristo nos orienta a amar nosso próximo como a nós mesmos e afirma que o ápice da expressão deste amor está em *dar a própria vida por amor a outrem*, como Ele mesmo o fez. Não é correto dizer que Jesus se suicidou, pois foram outras pessoas que O mataram, porém, o fizeram com Sua completa permissão. Ele mesmo dissera que *“ninguém tiraria sua vida, mas que Ele mesmo a daria”* (João 10.18) e que, se quisesse, poderia ter facilmente evitado a própria morte (Mateus 26.53), mas não o fez, deixando-se ser levado à cruz. Ele veio justamente para morrer por nós e dar a própria vida em resgate de muitos, ou seja, manifestou Seu grande

amor morrendo por nós, e assim, podemos depreender que os casos em que pessoas dão a própria vida *pelas outras* é aprovado por Deus. Talvez não em todos os casos, mas analisar todas as variáveis estenderá demais este texto.

De modo geral, quando uma pessoa dá a vida por outra, está manifestando seu amor por ela e isso é tanto aprovado pelas Escrituras quanto sugerido por Jesus. É interessante que o versículo não diz sobre “*perder a vida*”, num ato passivo, mas “*dar a própria vida*”, numa ação ativa! Imagine que, num dos três exemplos acima, quem estivesse na situação fosse sua mãe e você ou você e sua esposa. Você não daria a vida para salvar a dela? Caso sim, acha que isso seria um erro, aos seus olhos ou aos olhos de Deus? Provavelmente não, certo? E repare que nos três exemplos, a pessoa está tirando a própria vida, não de modo forçado, mas voluntariamente, por uma virtude maior, que é o amor!

Algo importante a ser ressaltado é que esse ato de dar a própria vida só é validado pelas Escrituras quando motivado **pele amor**. Em 1 Coríntios 13.3, lemos que nada vale sem o amor. Até mesmo dar a própria vida, sem amor, não vale de nada, portanto este ato heroico só é aprovado quando motivado pelo amor. Se você reparar, Paulo fala neste texto que “*se alguém entregar o próprio corpo para ser queimado, mas fizer isso **sem amor**, não há proveito algum*”, ou seja, ele mesmo está deixando subentendido que “*se alguém entregar o próprio corpo para ser queimado, e fizer isso **com amor**, será algo muito proveitoso*”. Ademais, esta opção de dar a vida não deve ser feita levianamente, em situação qualquer, mas apenas em *último caso*, quando não houver outra opção à vista. Deus ama e valoriza cada filho seu, portanto essa opção fatal só é coerente quando *realmente necessária* e corretamente feita. Sendo assim, depreendo que o suicídio cometido em prol do livramento ou salvação de outras pessoas não é pecado, mas sim uma ação admirável aos olhos de Deus, conforme os versículos supracitados.

Além dos suicídios altruístas ou heroicos, há outros casos intrincados, como os que envolvem a eutanásia, onde pessoas sem esperança de vida autorizam o desligamento de seus aparelhos, propiciando e agilizando sua morte. Vou mencionar três casos que envolvem a questão da dor ou falta de esperança:

- **Exemplo da Dor Extrema:** Suponha que uma pessoa é atingida por estilhaços ou sofre algum tipo de dor extremamente forte. Não me refiro a uma dor de dente ou dor de cabeça habitual, mas de uma dor excruciante, insuportável, que faz a pessoa se contorcer, chorar, gritar. Dor acima da compreensão daqueles que nunca a experimentaram e o desespero é tão grande que a vítima só consegue pedir que alguém acabe com todo aquele sofrimento. Pense naqueles que se defenestraram do World Trade Center, enquanto a estrutura do prédio se derretia com temperaturas internas próximas a 900°C, que consumiam a pele e a carne dos sobreviventes ao primeiro impacto. No desespero da dor, alguns atiraram-se pelas janelas do prédio em chamas, cometendo suicídio. Nestes casos, as pessoas se suicidaram, não por serem amarguradas, deprimidas por sofrimentos sociais, sentimentais ou profissionais, mas sim por estarem experimentando a dor mais insuportável possível e não terem forças para continuar lutando. Para nós, saltar pela janela parece ser uma loucura, mas imagino que, para quem experimentava aquela sensação térmica decompositora, era uma “boa opção”.
- **Exemplo do Sofrimento mais Prejuízo a Terceiros:** Pense numa pessoa sem chance de ser curada, em estágio terminal ou sem nenhuma esperança de vida, conforme diagnóstico. Ela faz um tratamento paliativo que não lhe garantirá a cura, mas apenas a prorrogação da vida por alguns dias. Tal tratamento, embora inútil para salvá-la, exige um gasto mensal de R\$10.000,00 de seus familiares. O enfermo, além de não ter esperança, ainda se sente um peso por dar prejuízo tão grande aos parentes e opta pela eutanásia passiva, ou seja, aprova que os médicos desliguem seus aparelhos, visando finalizar o tratamento, agilizar sua morte e findar seu sofrimento, o de seus parentes, e o prejuízo causado a eles.

- **Exemplo do Risco a Terceiros:** Vamos agora analisar um caso comum em filmes de guerra. Pense num soldado que acaba de ser atingido por uma bomba e perde uma perna. Ele perde muito sangue e sente que está prestes a desfalecer. Seu único companheiro de equipe o levanta e tenta carregá-lo, à custa de muito esforço, tendo sua caminhada dificultada pelo peso e pelo incômodo de levar o companheiro nas costas, enquanto foge de seus inimigos. O soldado ferido convence seu amigo a deixá-lo, para que ele possa correr mais rápido e se ver livre dos inimigos. O ferido entende que até poderia se salvar, caso seu amigo o levasse até os médicos da equipe, mas, por outro lado, isso demoraria demais e aumentaria os riscos de serem ambos capturados. Então abre mão de sua possível sobrevivência pelo grande zelo de seu parceiro, que o deixa no campo de batalha e corre o máximo que pode para salvar-se.

Os casos acima envolvem outras motivações, porém, igualmente exemplificam situações de pessoas que abriram mão da própria vida, matando-se ou potencializando sua morte, por motivos complicados. Casos como esses têm sua moralidade dividida ou indefinida por parte dos filósofos moralistas e teólogos. Para nós, cristãos, o melhor a se fazer é não julgar o mérito da ação, mas deixá-la aos cuidados de Deus, que conhece o coração, as forças e os limites humanos. Podemos trazer à memória versículos como 1 Coríntios 10.13, afirmando que *“não nos sobrevêm tentação que não possamos suportar”*, porém, se alguém quiser *“atirar a primeira pedra”* nos suicidas dos exemplos acima, vá em frente. Eu prefiro deixar nas mãos de Deus e não condenar ninguém por uma possível incompreensão da misericórdia, justiça e benignidade divina.

Além destes, há também o caso de pessoas que se suicidam por problemas mentais, esquizofrenias, deficiências intelectuais graves, ou, vulgarmente falando, loucura. Nestes casos, normalmente o suicida se mata sem ter consciência de seu ato, por estar com seu intelecto limitado. Há quem diga que cristãos não estão sujeitos a este tipo de doença, porém, discordo e creio que assim como cristãos e não cristãos estão sujeitos à doenças e dificuldades como câncer, AIDS e paralisia, estão sujeitos à doenças psicológicas e mentais, e Deus, em Sua transcendência, se mantém soberano, a despeito de nosso entendimento ou desentendimento destas situações. Pode não ser agradável ouvir isto, mas é uma realidade observável, e nos faz lembrar que, de fato, *“no mundo, teremos aflições”*. (João 16.33)

Alguém pode trazer à luz o texto de 1 Coríntios 3.16 e 17, dizendo, em uníssono com o apóstolo Paulo, que somos templo do Espírito Santo, não devendo destruir este templo e concordo com isso. Porém, como já vimos, há exceções, como nos casos de dar a vida pelo próximo! Cheguei a pensar no texto de Mateus 5.29, como argumento que seria uma espécie de exceção a esse zelo pelo nosso corpo, porém, o texto é tão hiperbólico, que não teria cabimento neste contexto. (*“Portanto, se o teu olho direito te escandalizar, arranca-o e atira-o para longe de ti; pois te é melhor que se perca um dos teus membros do que seja todo o teu corpo lançado no inferno.”*) Devemos valorizar nossa vida, templo do Espírito Santo, porém uma vida vale mais que uma mão, um pé, e dar a própria vida por outra é a maior demonstração de amor, pelo que nos ensinou Jesus, mesmo sabendo que somos templos do Espírito Santo. Precisamos sempre interpretar corretamente os textos bíblicos.

Entendo que, sempre que alguém abre mão da própria vida, tirando-a em benefício de outras pessoas, como nos três primeiros exemplos que escrevi há pouco, esta pessoa não incorre em pecado, pois o faz pelo bem de seu próximo. Por mais intragável que seja essa ideia, faz sentido e vejo respaldo bíblico. Já nos três últimos casos, a questão não é tanto salvar alguém, mas sim evitar o demasiado sofrimento físico de si mesmo ou o sofrimento e prejuízo de outras pessoas. Esses casos já têm a moralidade um pouco mais subjetivada, pois a argumentação contrária parece prevalecer. Deixarei estes casos em aberto, dando ensejo a que cada um estruture sua própria opinião.

Alguém pode contestar:

- Se realmente podemos “amenizar” o peso de um suicídio motivado por altíssima dor física, por que não podemos também “amenizar” os suicídios motivados por altíssima dor psicológica?

E eu poderei responder:

- Excelente pergunta! No céu eu a farei para o Senhor, pois talvez apenas Ele tenha a resposta!

De forma resumida, eu diria o seguinte:

01) O suicídio cometido para salvar a vida de outras pessoas é válido, quando é a única opção de livramento possível e principalmente quando motivado pelo amor ao próximo. No caso, a aplicação das palavras “doação da própria vida”, em vez de “suicídio” seria um bem-vindo eufemismo. Com base na Palavra de Deus, entendo que este tipo de ato é altruísta e admirável aos olhos dos homens e de Deus.

Minha opinião: Entendo que não é pecado!

02) O suicídio cometido como tentativa de livramento de uma dor física extrema é difícil de avaliar, assim como os causados por sofrimentos mentais e transtornos psicológicos. *A priori*, parece ser errado, pois Deus certamente poderia fazer um milagre e eliminar a dor do ferido, porém, os milagres serão sempre, e em todos os casos, uma forma de evitar a morte, mas nem sempre acontecem, então prefiro não julgar estes casos, mas deixá-los nas mãos do Justo Juiz.

Minha opinião: Não sei dizer se é pecado, no sentido de causar a ira divina. (Haveria outro sentido para pecado? Me aprofundarei nisso em outra hora.) No caso do suicídio gerado pela dor física, o ato não envolve, necessariamente, questões como caráter, espiritualidade e confiança em Deus, mas sim uma fraqueza física (literalmente) que pode não ser considerada por Deus como um pecado. Com relação ao suicídio motivado por sofrimentos psicológicos, acho tão difícil quanto o anterior. É difícil explicar e fundamentar o que escreverei e posso até dar margem para uma heresia (é meu último desejo), mas na minha mente, vem a frase *“é algo que Deus não deseja, mas não é algo que O deixa irado ou desapontado”*, sabendo que Ele conhece a fragilidade humana. Arisco dizer que há pecados que são “menos expressivos e mal vistos” pela sociedade, mas que deixam Deus muito mais “furioso”, como o de pessoas que geram intrigas entre os irmãos. (Provérbios 6:16-19) Embora dificilmente consiga encarar isso como a perfeita vontade de Deus para a situação, trata-se de uma questão difícil e não me atrevo a bater o martelo.

03) O suicídio egoísta, causado simplesmente pelo desejo de encerrar a própria vida por insatisfação, ódio, ansiedade, vingança, provocação de dor própria ou alheia, descontentamento, empobrecimento, desilusões ou coisas do tipo muito provavelmente é pecaminoso, pois vai contra diversos princípios bíblicos, como o amor próprio, altruísmo, dependência de Deus, aprendizado no sofrimento, soberania divina, valorização da vida humana e priorização dos valores superiores.

Minha opinião: Entendo que é pecado!

Desta forma, já posso responder a primeira das duas perguntas inevitáveis em nosso estudo:

Questão 01: Todo suicídio é pecado?

Resposta: Não. Alguns casos de suicídio são motivados pelo amor, visando salvar a vida de outras pessoas, portanto não desagradam a Deus, pelo contrário, O agradam e seguem as instruções deixadas pelo próprio mestre Jesus Cristo. Em outros casos, é difícil estabelecer se o suicídio foi realmente pecado ou não, por envolver a ação sentimentos nobres e coerentes ou sofrimentos além da compreensão humana, que não podem ser mensurados por quem não os experimenta. Já em outros casos, o suicídio parece sim, ser pecado, por ser simplesmente um ato egoísta, impensado, rebelde à vontade de Deus ou perpetrado sob o impulso de motivações carnis ou insatisfação pessoal frívola ou não.

Antes de prosseguirmos para o próximo subtópico, reflitamos:

“NEM SEMPRE, O QUE PARA MIM É CHOCANTE OU DESAGRADÁVEL, É UM PECADO PARA DEUS!”

▪ **SUICÍDIO ANULA A SALVAÇÃO?**

Entramos agora no campo da Soteriologia, ou seja, num terreno mais profundo que muitos outros! Desvendar a possibilidade de salvação dos suicidas não é tarefa simples. Venhamos e convenhamos que se todos os suicidas vão para o inferno, o herói da fé Sansão arderá em chamas eternamente e apesar de a maioria dos cristãos afirmar que os suicidas vão para o Inferno, a maior parte desta maioria afirma, ao mesmo tempo, que o grande nazireu está no céu, ou seja, algo está errado nessa história.

▪ **VERSÍCULOS CONTRA O SUICÍDIO**

Ao contrário do que muitos divulgam, não há nenhum versículo na Bíblia dizendo que ***“os suicidas não herdarão o Reino dos Céus”***. Pode procurar! Isso significa que a Bíblia autoriza o suicídio? Não! Significa que precisamos ler a Bíblia, usar a inteligência que Deus nos deu e pensar com a mente de Cristo. Um dos textos que mais se aproximam da proibição do suicídio é o de Êxodo 20.13, que contém o sexto mandamento (***“não matará”***), porém, há alguns aspectos importantes por analisar aqui. Como já se deve depreender, o mandamento não é muito bem traduzido e interpretado, afinal, como poderia Deus dizer que “matar é pecado” e em tantos casos bíblicos, ordenar a Seus servos que aniquilassem moradores de cidades inteiras? (1 Samuel 15.1-3). Deus está mandando que Seus servos pequem? Não! Acontece que matar é errado em *alguns casos*, não em todos. O que está sendo condenado aqui é o *assassinato sem aprovação e consentimento divinos*, por mais estranho que isso possa soar.

Conforme declara Norman Geisler, em seu *“Manual Popular de Dúvidas, Enigmas e ‘Contradições’ da Bíblia”*, o termo hebraico usado aqui (*ratsach*) equivale a *assassinar*, diferente do termo usual equivalente a *matar (harag)*. Em alguns casos, Deus permite a morte, e até mesmo a ratifica como condenação por atos errados (vide Levíticos 20), porém, **nos casos sem a anuência de Deus**, o homicídio é pecado, afinal, Deus é o criador de todas as coisas e tem livre direito de tirar ou gerar uma

vida, na situação e condição que quiser. Ele é soberano e em Sua infinita e infalível justiça, sempre faz aquilo que deseja, visando o bem de Sua criação, portanto, em alguns casos, matar não é pecado, por ser uma **ordenança do próprio Deus**. O mais correto ali seria a tradução “*não assassinarás*”, com o amplo sentido de tirar uma vida sem motivo, sem razão e principalmente sem o consentimento divino. Esse é o correto entendimento do sexto mandamento. Com isto, não quero tirar o peso do versículo “*não matarás*”, mas apenas lembrar que nem todos os casos fatais se encaixam neste mandamento, e penso que alguns casos de autoassassinato se arrolam entre essas exceções, como os Suicídios Altruístas.

▪ **PECADOS ANULAM NOSSA SALVAÇÃO?**

Um pouco acima, lancei a pergunta “**suicídio anula a salvação?**”, mas a grande pergunta é “**algum pecado anula a salvação?**”. Se pensarmos juntos, há na Bíblia apenas um pecado imperdoável, que é a blasfêmia contra o Espírito Santo (Mateus 12.31). Se formos um pouco mais a fundo, perceberemos que todos os nossos pecados serão imperdoáveis, se não liberarmos perdão ao nosso próximo (Mateus 6.15), e isso aumenta bastante a lista de pecados “imperdoáveis”, porém, preste atenção: não estamos falando sobre um pecado ser perdoável ou não, mas sim sobre a **perda da salvação** devido a um pecado e isso é bem diferente! A partir de agora, tenha paciência, pois chegamos ao assunto cerne deste artigo e vou investir algumas páginas nele.

Essa pergunta tem a ver com a *segurança da salvação* e provavelmente você já ouviu falar sobre isso. Talvez não nestes termos, mas provavelmente já ouviu um dos dois discursos abaixo:

01) “– Irmão, você precisa se arrepender dos seus pecados, pois se Jesus voltar e você estiver com um pecado em aberto, vai queimar no inferno!”

02) “– Deus não fica escrevendo e apagando seu nome do Livro da Vida toda vez que você peca!”

O primeiro é influenciado pela visão de que a cada pecado que cometemos, nós colocamos a ponta do dedão no Inferno, até que peçamos perdão e sejamos lavados pelo sangue de Jesus. O segundo, oposto a esta visão, sustenta a ideia de que não são nossos pecados não nos levam ao Inferno, de forma que, mesmo tendo um pecado ou outro, nossa salvação está garantida. De antemão, já informo que o primeiro discurso é altamente antibíblico, enquanto o segundo tem apoio das Escrituras, mas pode ser mal entendido. Há muitos anos, ouvi uma história que, de início, me assustou, mas hoje, é para mim um grande disparate, uma mentira que alguém inventou para assustar cristãos. A história, que é contada como o testemunho de um pastor – de quem até hoje ninguém sabe o nome – é mais ou menos assim:

Um pastor, muito abençoado e usado por Deus, estava em sua casa, prestes a ir para o culto, quando, por um motivo banal, acabou discutindo com a esposa, tratando-a com rudeza e insensibilidade. Saiu de casa irritado, ligou seu carro e foi para a igreja. No percurso, bateu seu veículo e morreu. Quando acordou, viu as portas do Céu e correu até elas, feliz por ter se salvado. Chegando aos portões celestiais, foi barrado por um anjo e seguiu-se o seguinte diálogo, iniciado pelo anjo:

- *Você não ficará aqui!*

- *Como não? Eu aceitei a Jesus Cristo!*

- *Sim, mas você brigou com sua esposa, não fez as pazes com ela e morreu com este pecado em aberto.*

- *Mas poxa! Eu fui cristão a vida inteira! Só porque discuti com ela vou arder no inferno pra sempre?*

- *Sim! Deus determinou que seja assim.*
- *Oh, não! Por favor, me dê uma segunda chance!*
- *Está bem. O Senhor lhe concederá uma nova chance, mas volte e pregue essa mensagem ao mundo.*

E então, aquele pastor voltou à vida e dali em diante passou a pregar que, se um cristão, por melhor e mais fiel e temente a Deus que seja, pecar e morrer antes de ter pedido perdão, irá para o Inferno.

Meus queridos leitores, não faz o menor sentido esta narrativa e embora seja contada como testemunho verídico, à luz da Bíblia é uma grande farsa que não se harmoniza com os princípios e doutrinas nela expostos. Seria o mesmo que dizer que, se o apóstolo Paulo, homem tremendamente usado por Deus, servo, humilde, cheio da Unção, roubasse uma uva na Feira de Atenas e tivesse um infarto fulminante, iria para o Inferno, mesmo tendo vivido anos na presença de Deus e sido Fiel a Ele. Não faz sentido!

No campo de pesquisa soteriológica há uma famosa e clara distinção entre duas principais escolas de pensamento, denominadas arminianista e calvinista, que divergem em diversos pontos, porém, para ambas as visões, claro é que **pecados isolados não levam ao inferno!** Para os arminianos, o que apaga nosso nome do “Livro da Vida” é o “*afastamento deliberado e proposital dos caminhos do Senhor, mediante a rejeição de Cristo, e a renúncia da fé*”, mas repare que *pecar* não significa *renunciar a fé*, ou *rejeitar a Jesus Cristo*, mas apenas sucumbir diante de uma tentação, coisa que a própria Palavra diz ser inevitável! (1 João 1.8) Para os calvinistas, nem essa possibilidade há, pois para eles, a partir do momento em que você for eleito, será salvo e ponto final, mas qualquer doutrina que ratifique a perda da salvação por causa de um pecado ou outro (exceto a apostasia, na ótica arminiana) é rejeitada! Não se perde a salvação por causa de pecados, afinal, a salvação se dá pela fé, que por sua vez, é evidenciada por boas obras e não o inverso! Lemos na Bíblia que o pecado vai nos separando da presença do Senhor (Isaías 59.2), mas nunca que ele anula nossa salvação.

A Palavra nos diz que “*todo aquele que crê no Senhor Jesus tem a vida eterna*” (João 6.47). Ela **não** diz que “*todo aquele que é santo e perfeito, que não tem nenhum pecado em aberto, tem a vida eterna*”, mas que isso é benefício daqueles que **creem em Jesus**, pecando ou não. Na mesma carta em que o apóstolo João escreve “*Se afirmarmos que estamos sem pecado, enganamo-nos a nós mesmos, e a verdade não está em nós*” (1 João 1:8), escreve que “*Todo o que nega o Filho também não tem o Pai; mas todo que confessa publicamente o Filho tem também o Pai [...] E esta é a promessa que ele nos fez: a vida eterna.*” (1 João 2.23-25) A promessa da vida eterna se mantém em pé, quer pequemos, quer não, pois o que a mantém é a Graça de Deus, aceita pela fé, e não nossa capacidade (inexistente) de não errar nunca. O que importa é que creiamos e estejamos em Cristo, afinal, “*... o dom gratuito de Deus é a vida eterna*” (Romanos 6.23 – grifos do autor), e dom gratuito é presente sem custo para o receptor. Basta aceitar! Aceitar a salvação dada por Cristo e essa salvação é aceita por todos aqueles que recebem o Doador da Vida – Jesus Cristo! O mesmo João afirmou anteriormente que “*A vida eterna é reconhecer a Deus como único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo como enviado de Deus*”. (João 17.3)

João se posicionou firmemente contra o agnosticismo, portanto foi contundente em suas afirmações e ressaltou a importância da segurança da salvação, repetindo mais uma vez, em sua primeira carta, o seguinte: “*E este é o testemunho: Deus nos deu a vida eterna, e essa vida está em seu Filho. Quem tem o Filho, tem a vida eterna; quem não tem o Filho de Deus, não tem a vida. Escrevi-lhes estas coisas, a vocês que creem no nome do Filho de Deus, para que vocês saibam que têm a vida eterna.*” (1 João 5:11-13 – grifos do autor) Veja que Cristo nos **deu** a vida eterna, não a **emprestou**. Aquilo que é dado não pode ser tomado de volta, mas apenas devolvido, pois passa a ter um novo dono. Enquanto eu tenho a Jesus Cristo, Ele está em mim e se a vida eterna está n’Ele, passa a estar em mim!

Se eu abro mão de Cristo e O rejeito, perco a vida eterna que está n'Ele. É por isso que gosto de uma simplificação deste assunto, resumida do seguinte modo:

- Como sei se vou para o céu ou não?

- Se durante sua vida, você optou por viver com Jesus, após a morte continuará vivendo com Ele. Se durante sua vida, optou por viver sem Jesus, após a morte, continuará vivendo sem Ele.

Em outras palavras, talvez simplificadas até demais, Deus não manda ninguém para o inferno, mas as pessoas que por si mesmas se dirigem para lá, optando por viver uma vida afastada d'Ele!

O texto áureo de João (e talvez da Bíblia) diz que *“Deus amou o mundo de tal maneira, que deu o seu filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.”*, e um pouco mais adiante, afirma que *“Aquele que crê no Filho, tem a vida eterna; mas aquele que não crê no Filho não verá a vida, mas a ira de Deus sobre ele permanece.”* (João 3.16 e 36, respectivamente, com grifos do autor). Jesus declarou *“quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna e não entrará em condenação, mas passou da morte para a vida”* (João 5.24), ou seja, quem crê em Jesus já tem a vida eterna. Já passou da morte para a vida! É assim que funciona, pois isso é a Graça! Este é o dom imerecido de Deus. No capítulo 8 de Romanos, o apóstolo Paulo nos lembra que **nada** - nem mesmo a morte - pode nos separar do amor de Deus, que está firmado em Jesus Cristo, nosso Senhor! Paulo também nos conforta, em sua segunda carta a Timóteo, afirmando que *“o Senhor conhece os que são Seus”* (2 Timóteo 2.19) e Ele sabe disso melhor que qualquer um de nós. Só Ele conhece nosso interior, como afirma o profeta Samuel. (1 Samuel 16.7)

Somos salvos, enquanto formos filhos de Deus e nossos erros não nulificam nossa filiação. Um pai terreal não deixa de ser pai, nem rejeita seu filho quando este erra (a não ser em raras exceções, que, ainda que existentes, não se coadunam com a marcante incondicionalidade do amor do nosso Deus). O máximo que um pai pode fazer é repreender ou castigar o filho, mas não abandoná-lo, e o mesmo acontece em nossa vida espiritual. Pense no exemplo do Filho Pródigo: O filho com certeza cometia erros dentro de casa, mas definitivamente, só se afastou do pai quando decidiu agir assim e ainda assim, seu pai o recebeu novamente, mas o filho só se afastou da cobertura paterna quando o desejou por si mesmo. Antes disso, errando ou não (e com certeza errava), estava em seu lar, coberto pela proteção de seu pai bondoso e dele era dependente. Só se perde a salvação quando não se faz mais questão dela e uma vida alheia à vontade de Deus é uma clara demonstração de rejeição dessa dádiva.

Lembrando que esta é uma visão arminiana, visto que para os calvinistas, **se você é eleito**, será salvo de qualquer forma, haja o que houver! Para estes, se o indivíduo se desvia, se afasta do Senhor e não retorna, é sinal de que não era um eleito e não um sinal de perda da salvação, ao passo que, se for um eleito, ainda que se desvie ou tome caminhos tortuosos (ou seja, peque!), voltará aos caminhos do Senhor e será salvo. Isto é o que eles chamam de *“Perseverança dos Santos”* ou *“Segurança Eterna”*, o quinto ponto elementar dos calvinistas, definido no *Sínodo de Dort*.

Enquanto você e eu estivermos com Cristo, mesmo que errando, teremos a vida eterna e o fato de estarmos com Cristo nos trará anseio por uma santidade e intimidade com Ele cada vez maior, mesmo que pequemos no decorrer desta caminhada. A salvação não faz de nós seres impecáveis, mas seres que desejam não pecar, ainda que, muitas vezes, sem sucesso.

Pergunta: É possível perder a salvação?

Resposta Arminianista: Sim, é possível perder a salvação.

Resposta Calvinista: Não é possível perder a salvação, uma vez que você *seja um eleito*.

Pergunta: Algum pecado pode anular a salvação do cristão?

Resposta Arminianista: Com exceção da blasfêmia contra o Espírito Santo, não! Nenhum pecado anula a salvação do cristão. O que a anula é a rejeição de Cristo e a renúncia da fé, e não o cometer pecados. Uma vida dissoluta, seguida de pecados e mais pecados sem nenhum tipo de incômodo ou preocupação com a santificação, provavelmente sinaliza a rejeição de Cristo, mas pecados “eventuais”, impulsivos, resultantes de fraquezas e tribulações a que estamos sujeitos, não são sinais desta apostasia.

Resposta Calvinista: Nenhum pecado, nenhuma situação pode anular a salvação dos que são de fato *eleitos*.

Segundo a Palavra de Deus, um pecado não tem o poder de anular a salvação de ninguém, seja qual for. Alguém pode citar o “pecado imperdoável”, que é a blasfêmia contra o Espírito Santo (Lucas 12.10), porém, este será um assunto para outro artigo, e, de qualquer forma, o próprio Jesus já afirma que este pecado é a blasfêmia contra o Espírito Santo, e não o roubo, furto, murmúrio ou o suicídio. **Partindo desta conclusão, com qual fundamentação, uma pessoa afirma que o suicídio leva o praticante ao inferno?** Provavelmente, você, caro leitor, assim como eu, foi ensinado desde criança a pensar assim ou foi influenciado a crer que os suicidas não herdarão o Reino dos Céus, mas despidonos de todos os preconceitos e atendo-nos às Escrituras, **qual é a base para afirmarmos isso?** Talvez este entendimento seja um estigma quase indelével, imodificável em nossas mentes, mas precisamos refletir a respeito e transformarmo-nos pela renovação do nosso entendimento, senão nossos paradigmas com relação à salvação poderão ser fundamentalmente falhos, afirmando que a vida eterna depende de praticarmos exclusivamente obras perfeitas e inerrantes.

Tenho a impressão de que a redundância me circunda, mas preciso deixar isso claro. Lembrem-nos de que uma pessoa é salva pela Graça do Senhor (Efésios 2.5) e isso se dá por meio da nossa fé (Efésios 2.8), que é confirmada pelas obras (Tiago 2). Não é salva por suas ações, pois se fosse assim, quem se salvaria? Uma pessoa é salva, e *sempre* é salva, pela Graça de Deus, tenha ela cometido os erros que forem e tenha ela tido tempo hábil para arrependimento ou não. Essa visão é comum no meio cristão, porém, não está embasada nas Escrituras, que nos afirmam que todos pecamos e em nenhum versículo nos revela que se não nos arrependermos de determinados pecados, perderemos a salvação. Há tantas pessoas boas que lutam e tentam liberar perdão ou encontrar arrependimento por traições, erros, infidelidade, palavras duras proferidas contra si ou contra o próximo ou até mesmo se esquecem de pedir perdão por pecados e falhas imperceptíveis (os chamados *pecados ocultos*, que tantos homens de Deus da Bíblia afirmaram ter – Salmos 19.12; 90.8), e dizer que um suicida irá para o inferno por falta de arrependimento ou perdão equivale a condenar ao inferno todas estas, que, ainda que tentem, não possuem força ou dependência em relação a Deus suficiente para liberar e serem liberadas destes pesos!

Há ainda quem diga que o suicídio leva ao inferno, pois *é um ato que gera a morte, não deixando oportunidade de arrependimento para quem o comete*, porém, já foi mostrado que os pecados dos quais não tenha havido arrependimento não têm poder para anular a salvação de um cristão. Nenhum pecado! Nem mesmo o que nos leva a morte! Baseados em quê, afirmam o contrário disso?

Quem disse que um pecado que traz a morte física é pior que os outros, no conceito moral de Deus? Ademais, é possível sim, que um suicida se arrependa após o ato que o levou a morte. Pense num indivíduo que se joga de uma ponte ou numa pessoa que se tranca em sua casa e a incendeia ou mesmo numa pessoa que corta os próprios pulsos. Todas elas têm um tempo curto, mas hábil, para se arrepender, mesmo que a consequência seja irremediável. Se o ladrão na cruz teve uma chance aos “48 minutos do segundo tempo”, por que um suicida não o teria? Mas o argumento mais forte não é este, mas sim que **nenhum pecado anula nossa salvação! Nem mesmo o suicídio!**

A esse respeito, o escritor Ra McLaughlin se manifesta, dizendo:

*“A Bíblia não ensina que as pessoas que cometem suicídio, necessariamente vão para o inferno. Em vários momentos, pessoas têm argumentado que o suicídio lhe envia para o inferno porque você não tem a oportunidade de se arrepender disso, no entanto, a incapacidade de se arrepender de um pecado particular antes de morrer não manda você para o inferno. Os cristãos são mantidos em segurança em Cristo, e não perdem e ganham a salvação a cada pecado e arrependimento... Assim, o fato de que alguém comete suicídio não é prova suficiente para demonstrar que ele ou ela realmente não estava salvo. Não quero dizer com isto, que o suicídio não é um pecado muito grave - é. O suicídio é a autoassassinato, é a destruição injustificada de uma vida humana. O suicídio é uma horrível rebelião contra Deus, mas é justamente por causa dessas rebeliões que o cristão é perdoado, em Cristo. A salvação é um dom da graça que não é baseada nos trabalhos de uma pessoa (Efésios 2.8-9), e o suicídio não pode, de maneira alguma, alterar as chances de alguma pessoa ir para o céu. Enquanto aqueles que não são salvos vão sofrer eternamente por este pecado (como para todos os seus outros pecados), aqueles que são salvos serão perdoados por ele (como para todos os seus outros pecados).”*⁵

Outro famoso escritor, John MacArthur, apesar de ser expressamente contra o suicídio, afirma num de seus textos, que *“embora seja possível para um crente verdadeiro cometer suicídio, nós cremos que esta é uma ocorrência pouco comum.”*, e finaliza dizendo que *“se um verdadeiro cristão cometer suicídio em um tempo de extrema fraqueza, ele ou ela será recebido no céu”*.⁶

O que destina uma pessoa ao inferno é a rejeição a Cristo e o suicídio não é necessariamente sinal dessa rejeição. Pode ser apenas uma demonstração de fraqueza, medo, angústia, o desfecho de um problema realmente complicado ou ainda impulso incontrolável e momentâneo resultante de um stress, portanto não é certeza de condenação eterna. Pense comigo:

Quantas vezes você estava pensando em Deus, orando, clamando, mas por fraqueza ou falta de fé, acabou cedendo e pecando, mas imediatamente após o pecado, já voltou a orar, clamar, dizer ao Senhor que O ama e que odeia cair?! Por acaso você deixou de amar a Jesus por este pecado? Você rejeitou a Cristo Jesus, dizendo que não O deseja mais? Você renunciou a fé em Cristo e abriu mão da sua salvação? É claro que não! Você apenas pecou, como o apóstolo Paulo, que muitas vezes *“fazia o que não queria e não fazia o que queria”* (Romanos 7.19). Uma pessoa não vai para o inferno por ter cometido uma má ação, assim como não vai para o Céu por ter cometido uma boa ação. O que está em campo é a **Graça de Deus**, aceita pela fé e não boas ou más atitudes, bondade ou ruindade, perfeição ou imperfeição. **Quer uma pessoa cometa suicídio ou morra de morte natural, é salva pela Graça soberana de Deus, através do sangue expiatório de Cristo, que pagou por todos os seus pecados, inclusive por este, que foi o último ato de desobediência e falta de fé praticado em vida.** O ladrão na cruz não pediu perdão por seus prováveis muitíssimos pecados. Ele simplesmente aceitou a Jesus Cristo, e isso foi suficiente para garantir-lhe um lugar no paraíso. Isso não anula a necessidade de pedirmos perdão, nem de confessarmos nossos pecados, mas ajuda a elucidar essa questão.

Uma vez que o que impossibilita a salvação de uma pessoa é a rejeição a Cristo, um suicida só irá para o inferno se sua vida **antes do suicídio** sinalizava estas condições, ou seja, se enquanto estava viva, esta pessoa ignorava ao Senhor, endurecia o coração para o Reino de Deus, rejeitava o sacrifício e dádiva de Jesus Cristo e não cria no plano de salvação. Desta forma, o suicida deixará de ser salvo, **não por ter se suicidado, mas por não ter feito questão da salvação, nem ter dado valor ao Senhor Jesus em vida**. Por outro lado, se uma pessoa firme com Deus, salva, genuinamente cristã, temente e fiel a Deus, por um momento de desespero, fraqueza ou o que quer que seja, se suicidar, ela irá para o céu, pois pecou, como todos nós, mas será salva pela Graça e por sua aceitação desta Graça, ainda que esta aceitação e confiança fiquem um pouco obscurecidas por seu ato contra si mesma.

Há alguns dias, perguntei a uma colega de trabalho:

- Suponhamos que um ministro fiel e temente a Deus, servo, humilde, que agrada o coração de Deus, está dirigindo um carro, e, num momento de sonolência, bate o veículo, matando sua mãe, sua esposa e sua filha, que estavam no mesmo carro, além de uma mãe que dirigia o outro veículo. Ao acordar no hospital e descobrir tudo o que aconteceu, esse ministro se desespera e, num surto, põe fim à própria vida. Se você fosse Deus, o mandaria para o Inferno?

- Acho que não!

- Nem eu!

O Senhor, que “é o Amor, a Justiça e a Misericórdia em pessoa”, certamente sabe como julgar cada situação, inclusive esta, sem abrir mãos de Seus atributos. Creio eu que neste caso, Ele “relevaria” esse momento de fraqueza (ainda que com uma consequência tão irremediável) e aceitaria esse ministro em Sua presença. Pode ser que eu tenha usado uma dose de juízo de valores aqui, pois posso pensar de um jeito e você de outro, mas à luz da Bíblia, que é nosso Manual de Fé e Prática, não consigo provar nem pensar que isso não aconteceria desta forma. É difícil fecharmos um padrão de julgamento infalível, tratando-se de salvação, mas creio que Deus nos dá sabedoria e nos permite conhecer um pouco d’Ele através de Sua Palavra, para que possamos, com a mente de Cristo, avaliar e julgar algumas ações, tendo como lente as Escrituras.

Você já deve ter ouvido frases como:

- Nossa, se matou! E era uma pessoa tão boa. Vai para o inferno.

- Puxa. Ela se suicidou? Então infelizmente não vai pro céu.

- Eu gostaria de dizer outra coisa, mas se ele se suicidou, perdeu a salvação.

Deixo a sugestão:

- Não “mande” ninguém para o inferno! Deixe que o Senhor discirna cada caso.

Finalizando: O suicídio é um ato horrível? Em grande parte dos casos, sim, porém, como qualquer outro ato infeliz, pode ser gerado em momentos de fraqueza. O problema é que a *consequência* dele (perda da vida) é maior e mais impressionante e por isso, o colocamos num patamar mais elevado de horror e pecaminosidade, mas como não há diferenciação moral entre “pecadinho e pecado”⁷, mas apenas conceitual e consequencial, o suicídio pode ser visto como uma ação gerada na fraqueza emocional de uma pessoa, assim como diversos outros tipos de pecado. Há muitas pessoas que pecam feio, mas são realmente cheias de Deus. Veja o caso de Davi, o homem “segundo o coração de Deus”. Ele cometeu o que, para mim, foi um dos pecados mais horripilantes narrados na Bíblia (2 Samuel 11). Davi tinha tanta consciência de sua miserabilidade que pedia perdão a Deus até por seus pecados ocultos (Salmos 32), porém, era um homem que **amava a Deus, a despeito de suas fraquezas**. Uma coisa justifica a outra? Não! O pecado nunca é justificável, afinal, se fosse, deixaria de ser pecado, mas digo isso para mostrar que grandes homens cheios de Deus também erram, muitas vezes erram feio e, sinceramente, numa opinião bem particular, se Elias tivesse se matado em um daqueles momentos cavernosos de fraqueza, esse pecado teria sido “muito menor” que o do grande Rei Davi, que num só ato, desobedeceu a quatro dos Dez Mandamentos.

➤ CONCLUSÃO

Acredite, estou começando este parágrafo seis meses após ter escrito o título deste artigo. Talvez tenha demorado mais do que devia, mas nas tentativas de ler, reler, revisar, atualizar, incluir, estudar, o tempo foi se passando e minha preocupação com a real clareza e harmonia entre meus parágrafos me deixavam pouco seguro quanto a publicar este texto, mas creio que agora cheguei ao fim e terei que concordar com Salomão, assentindo que *“o fim das coisas é melhor que o início delas”*. (Eclesiastes 7.8) Como nos demais artigos, quero frisar e resumir as principais conclusões deste trabalho:

1. Há vários tipos de suicídio e cada um deles é motivado por algo diferente, cometido de forma peculiar, com objetivos diferentes, portanto, apesar de toda morte proposital de si mesmo configurar suicídio, há muita diferença entre suas variações. Dar a vida se matando é muito bonito, mas, conceitualmente, é um dos tipos de *suicídio*, então devemos ter cuidado para não padronizá-los.
2. O desejo de matar a si mesmo não sobrevém exclusivamente às pessoas fracas de personalidade, frias de emoções, ignorantes, tolas, ímpias, que não conhecem a Deus, mas a qualquer tipo de pessoa. Apesar de ser um ato terrível, pessoas inteligentes, geniosas, fortes e íntimas de Deus já cogitaram dessa possibilidade. Alguns foram até o fim, outros, graças a Deus, desistiram, mas friso que não devemos ter um preconceito com relação aos que pensam nisso, mas sim conceitos com relação a essa prática, a fim de ajudarmos os que sofrem e são perturbados por esta ideia, muitas vezes persistente e angustiante.
3. O suicídio é algo bem assustador, porém, no ocidente, ele é muitas vezes visto de forma diferente que no Oriente ou em outras culturas, pois o valor da vida e da morte está intimamente atrelado à visão que se tem do suicídio.
4. Podemos dizer que:
 - 1) Nem todo suicídio é pecado;
 - 2) Alguns provavelmente não são pecados, mas não se pode dizer isso ao certo;
 - 3) Outros são pecados, por irem claramente contra diversos princípios da Palavra de Deus.

De qualquer forma, é bom deixar que a última palavra seja a de Deus, pois Ele conhece detalhes da história que desconhecemos e apenas Ele tem um padrão de julgamento perfeito.

5. Os pecados não anulam a salvação, então uma pessoa não vai para o Céu ou para o Inferno por uma ação correta ou incorreta, mas sim pela fé ou falta de fé em Cristo Jesus. Se uma pessoa vai para o inferno, é porque rejeitou a salvação proporcionada por Jesus Cristo e não porque cometeu um ou outro pecado, tampouco porque pecou e não foi imediatamente perdoada. A salvação é resultado e fruto da Graça divina e da aceitação dessa Graça mediante a fé e não de uma vida perfeita, irrepreensível e impecável.

Creio ter chegado ao fim de mais um artigo. Talvez tenha sido satisfatório para você, talvez não, mas apesar de querer compartilhá-lo e, se possível, através dele, repassar aos leitores algo novo, meu maior desejo e preocupação foi me manter coerente com os ensinamentos bíblicos, e este foi o meu norte. Decerto, alguns não entenderão minhas palavras. Uns rejeitarão este texto por terem pensamentos divergentes, apesar de valiosos. Outros, por terem lido este texto sem a devida reflexão, outros, por não conseguirem abandonar seus conceitos, ainda que possam estar conscientemente bambos, mas que seja assim.

Meu desejo é que você e eu não sejamos simplesmente mais uns daqueles que se valem de frases pré-fabricadas, lugares-comuns, chavões evangélicos, pessoas do tipo que não leem a Bíblia, mas tagarelam a respeito de tudo o que ouvem, sem senso crítico, acomodados naqueles infundáveis argumentos tolos que refletem a falta de busca pela verdade e conhecimento, imperantes no “meio gospel”.

Meu desejo é que, concordando ou não, meu artigo te influencie a ser ou a prosseguir sendo um ser pensante nesse mundo marionético.

Que Deus nos abençoe e nos leve a toda a verdade. E Sua Palavra é a Verdade! (João 17.17)

Eduardo Feldberg
www.eduardofeldberg.com.br

NOTAS:

¹ <http://www.onu.org.br/60-mil-pessoas-se-suicidam-por-ano-no-contidente-americano-no-mundo-sao-quase-um-milhao-afirma-a-opas/>

² <http://www1.folha.uol.com.br/eqilibrioesaude/1108498-suicidio-e-a-segunda-maior-caoa-de-morte-entre-jovens-no-mundo.shtml>

³ *Salmos é o livro com o maior número de capítulos, mas Jeremias é o maior, por quantidade de letras e palavras*

⁴ <http://www.spsuicidologia.pt/index.php/sobre-o-suicidio/questoes-frequentes/42-o-suicidio-e-pecado>

⁵ <http://thirdmill.org/answers/answer.asp/file/40383> (Traduzido pelo Google Translator)

⁶ http://www.monergismo.com/textos/apologetica/suicidio_salva.html

⁷ Para maiores detalhes, leia o artigo “Pecadinho e Pecadão”, disponível no site do autor.